

# A MEMÓRIA DE BORGES<sup>1</sup>

Eneida Maria de Souza\*  
Universidade Federal de Minas Gerais

Talvez no futuro alguém, uma mulher que ainda não nasceu, sonhe receber a memória de Borges tal como Borges sonhou que recebia a memória de Shakespeare.

Ricardo Piglia

## RESUMO

Este ensaio tem como objeto a discussão a respeito da herança literária de Borges para os novos escritores. Seria essa herança nefasta ou de outra ordem? Sem atribuir algum juízo de valor ao debate, pretende-se apontar um dos pontos da poética borgiana responsável por sua consagração mundial, qual seja, o da autonomia literária. A presença/ausência da imagem do escritor/autor transforma-se em tema literário, intriga que se enreda/desenreda como espelho reduplicador da vida literária e da literatura.

## PALAVRAS-CHAVE

J.L. Borges; Villa-Matas, literatura contemporânea, memória

Na década de 1980, Octave Mannoni, psicanalista francês, escreveu *Ficções freudianas*, inspirado na poética de Borges e tendo Freud como objeto. O livro se compõe de uma série de contos envolvendo Freud, seus amigos e clientes, com o objetivo de desconstruir os limites rígidos entre ciência e ficção, ao apontar a potencialidade enganosa e fugidia do ato de linguagem, praticada tanto pela literatura quanto pela psicanálise. Nesse espaço baldio da escrita, a alteridade se impõe como constituinte do sujeito e a dessubjetivação autoral celebra o gesto de apropriação do outro. A literatura borgiana já se consolidava mundialmente em vários campos do saber como produtora de artifícios capazes de desbancar racionalidades e de penetrar sem escrúpulos no jogo indomável da ficção.

---

\* [eneidas@pib.com.br](mailto:eneidas@pib.com.br).

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com o apoio da CAPES, entidade do Governo Brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

O escritor catalão Enrique Vila-Matas – assim como boa parte da literatura global – tem reativado a invenção ficcional borgiana, pautada pelo desaparecimento (também ficcional) do sujeito/autor e do surgimento do fantasma da alteridade e do duplo. Estamos agora no reino da literatura e não apenas na sua relação com os demais saberes disciplinares. Ela se alimenta de si própria, visita lugares literários, inventa encontros entre escritores, imagina diálogos entre personagens retirados de livros, brinca com as citações alheias e reforça o fascínio de leitores pela aura literária.

“A memória de Shakespeare”, conto de Borges que narra como a memória do autor inglês foi presenteada ao narrador/escritor por um desconhecido, não estaria sendo reconfigurada, na literatura contemporânea, pela memória de Borges? A metáfora da memória alheia permitiria definir a tradição poética e a herança cultural da literatura contemporânea? Estaria a profecia de Ricardo Piglia, segundo a qual a memória de um escritor latino-americano poderia ser enxertada, no futuro, na memória de um europeu? E acrescentaria, na memória de tantos outros escritores do planeta? O legado literário do cânone ocidental, no qual o norte sempre se impôs como exportador de modelos, estaria sendo ocupado pelo sul, ou pela literatura dita periférica? Ou ainda, a escolha dos precursores literários, realizada contra a passividade da influência, não poderia ser lida como prisão, mais do que como presente, recebido, por sua vez, como herança nefasta?

Essas reflexões foram motivadas pela leitura de *Doutor Pasavento*, último romance de Vila-Matas traduzido no Brasil pela Cosac Naify,<sup>2</sup> pelo romance do marroquino Ben Jelloun, *L'enfant de sable*,<sup>3</sup> assim como pelo olhar frente à atual configuração estética da literatura. Não se pretende aqui apontar a permanência de Borges na cultura europeia do século XX e na primeira década do XXI, o que não constitui novidade e nada acrescentaria à proposta deste texto. De Calvino a Vila-Matas, de formas diferentes e com soluções literárias distintas, a poética de Borges se confunde com a própria literatura, e a ultrapassa. O consagrado valor atribuído à sua obra se resumiria no desejo deliberado de se apropriar da cultura alheia como contraponto à afirmação de autoria e originalidade, valendo-se da “política da modéstia”, como assim a nomeia Nicolás Helt e Alan Pauls.<sup>4</sup> Essa política consiste na formação da imagem de escritor clássico, por meio de protocolos enunciativos visando o reconhecimento público. A impessoalidade como estilo e a criação de personagens dotadas de um “saber menor” e da gratuidade de existir concorrem para a consagração ilimitada de Borges, por ter-se convertido em escritor mundialmente citado e eleito como precursor da estética pós-moderna. A extrema visibilidade que a assinatura Borges adquire ao longo do tempo se pulveriza no gesto contrário, o da invisibilidade. O autor como sujeito pleno no ato criador se dilui, revertendo-se na figura do escritor clássico, anônimo, despersonalizado, embora o ato responsável pelo desaparecimento seja, ironicamente, o momento de maior fulguração póstuma. Segundo o escritor, um de seus maiores desejos seria a transformação da humanidade em ideal de

---

<sup>2</sup> VILA-MATAS *Doutor Pasavento*.

<sup>3</sup> JELLOUN. *L'enfant de sable*.

<sup>4</sup> HELFT; PAULS. *El factor Borges*. Nueve ensaios ilustrados, p. 20.

construção coletiva dos saberes, em que cada indivíduo fosse capaz de se considerar artista e criador. O anonimato significaria a recusa do sentido de propriedade autoral, uma vez que se postula o gesto democrático de recepção e produção do conhecimento.

Ao leitor familiarizado com a obra de Vila-Matas, não causa nenhuma surpresa a repetição de temas sobre criação e vida literárias, já explorados em textos anteriores, como *Bartleby e companhia* (2004), *Paris não acaba nunca* (2007), *Mal de Montano* (2005) e *Suicídios exemplares* (2009). O desaparecimento do escritor e o desejo de anonimato se associam à estética vital da negatividade e da literatura como doença, mal que atinge as personagens de *Mal de Montano*. Escritores destinados à reclusão e à interrupção de sua carreira são os preferidos de Vila-Matas, no endosso do desaparecimento como realização às avessas do ofício de escritor: O autor suíço Robert Walser, os americanos J.D. Salinger, Thomas Pynchon, entre outros, constituem os melhores exemplos do comportamento herdado pelo Doutor Pasavento. Peripécias literárias são urdidas no romance, de natureza híbrida, misto de ensaio e ficção, metaficção e autoficção, termos que correspondem a uma das feições literárias que delineiam a literatura do presente.

Convidado a proferir uma palestra em Sevilha sobre os limites entre ficção e realidade, o narrador se esconde na figura de um sócia encontrado num trem e foge do compromisso, assumindo a personalidade do psiquiatra fictício, Doutor Pasavento. Os fatos são relatados a partir do hotel da rua Vaneau, em Paris, famosa por ter sido domicílio de escritores, como Marx, Gide, entre outros. O tema do desaparecimento se concentra na imagem de Robert Walser, internado nos últimos 23 anos de vida no manicômio e encontrado morto na neve, no Natal de 1956. A mitologia do escritor que diz não ao sucesso e se fecha na solidão da escrita e do anonimato é a resposta desse livro para a exposição espetacular imposta pela mídia ao mundo das celebridades.

No entanto, nunca se escreveu com tanto entusiasmo sobre a vida literária, sobre a curiosidade do leitor/escritor em tentar penetrar na ficção e na vida dos escritores e nunca a biografia mereceu lugar maior do que a obra, mesmo quando era exercida de forma precária e causalista. A literatura de Vila-Matas, no empenho de transformar figuras históricas em personagens e criações ficcionais em verbetes, não necessita de decifradores das redes intertextuais aí apresentadas à exaustão. O valor enciclopédico de *Doutor Pasavento* (2010) não é apenas fictício mas documental, precário e permanente, de força vital e de valor textual, ingredientes que combinam com a natureza fugidia e citacional da cultura contemporânea. Essa memória livresca, obsessivamente voltada para os escritores e os caprichos da criação literária, como para o destino marginal e *gauche* de seus intérpretes, estaria, por certo, preconizando, como Maurice Blanchot, citado por Vila-Matas, de ser a emergência do desaparecimento, o que marca o destino da literatura: “Para onde vai a literatura?”, perguntaram. “Vai em direção a si mesma, em direção à sua essência, que é o desaparecimento.”<sup>5</sup>

O enxerto da memória de Borges em escritores pertencentes às culturas antes consideradas hegemônicas e colonialistas representaria uma sobrevida para a literatura que sempre se nutriu do apagamento do outro. Esta seria a resposta positiva face à

---

<sup>5</sup>VILA-MATAS. *Doutor Pasavento*, p. 20.

proposta literária de Vila-Matas, ao se colocar como mediador de escritas e de memórias alheias, estratégia escolhida para se reconhecer integrado no quadro da literatura contemporânea globalizada. Mas essa posição pode se converter em algo negativo, ao insistir na reduplicação de modelos que já atingiram a exaustão e o fastio, esquecendo-se o escritor de buscar um caminho diferente, ainda que nem sempre original para a criação. A metaficção, quando reduzida ao parasitismo e ao mimetismo de fórmulas consagradas, corre o risco de se transformar em ficção para escritores, fascinados pela mitologia criada em torno de si próprios. Nesse sentido, no lugar de se pregar o desaparecimento da literatura, como queria Blanchot, ou o desaparecimento do escritor, como assim Vila-Matas preconiza, teríamos a volta triunfal daquilo que, ironicamente, estaria fadado a desaparecer.

Esse discurso reforça ainda um dos pontos da poética borgiana responsável por sua consagração mundial, o da autonomia literária, ao conferir à literariedade valor indiscutível para a obra. A presença/ausência da imagem do escritor/autor se transforma em tema literário, intriga que se enreda/desenreda como espelho reduplicador da vida literária e da literatura. A comunidade letrada do século XXI se refestela na fruição infinita dos jogos de linguagem e do teor indecível das questões estéticas, e a academia encontra na literatura de escritores material permanente para as lições de crítica literária. Não seria mais rentável receber a memória de Borges pelo viés de outras investidas, em contraponto com a cultura letrada, como a cultura popular e a cultura de massa? Nesse sentido, a literatura contemporânea – e por extensão, a crítica – poderia se valer também de suas lições sobre a cultura resumida e condensada que se extrai da leitura desconstrutora das enciclopédias, retirando das mesmas os estereótipos de um saber pautado pela racionalidade, o tédio e a erudição. Em estreita oposição ao saber capitalista, pautado pela aquisição, acumulação de informação e conhecimento, o autor articula, de modo irônico, a alta literatura e o projeto divulgador de saberes menores. Por essa razão, é considerado defensor do conceito *Reader's Digest* de cultura, por exercer duas maneiras de fazer literatura: “una culta, hermética, ‘intelectual’, dirigida a un cenáculo de amigos e iniciados; la otra popular, accesible, ligera, atenta a las apetencias de un público masivo e anónimo.”<sup>6</sup> Mas é seguindo a lógica capitalista da publicidade, que Borges redige o texto para *Seleções do Reader's Digest*, em 1967, inscrevendo, à maneira de sua poética, a relação estreita entre cultura erudita e popular. O toque de humor arremata a condensação entre culturas, obtida pelo olhar oblíquo do escritor, o que converte a escrita na prática divergente e dupla, com vistas a criar o curto-circuito entre as *Mil e uma noites* e os textos resumidos das *Seleções do Reader's Digest*.<sup>7</sup> A arte do resumo e da concisão, traço da moderna literatura e da publicidade, agrada ao escritor, não só pelo abandono do excesso e do palavrório, mas também pelo prazer da leitura. A cultura letrada, portanto, cede lugar às manifestações artísticas transnacionais e à presença de comunidades periféricas, produtoras de novas sensibilidades e múltiplas subjetividades. Mudanças que acentuam a fragmentação do espaço urbano e a produção de redes

---

<sup>6</sup> HELFT; PAULS. *El factor Borges*. Nueve ensaios ilustrados, p. 134-135.

<sup>7</sup> BORGES. *Une lo útil a lo agradable*, p. 143.

comunicativas virtuais, como efeito das novas tecnologias e da transformação das experiências estéticas.

A segunda reflexão para o debate de hoje se dá por intermédio da apropriação da imagem de Borges como trovador cego, inserido no romance do marroquino Ben Jelloun, *L'enfant de sable*, de 1985. A intenção de inseri-lo como herdeiro da poética borgiana responde, inicialmente, pela recepção também periférica do escritor – e da literatura latino-americana –, assim como pela retomada do imaginário oriental na arte de contar histórias. Em segundo lugar, pela relação entre literatura e valor de mercado, realizada pelo diálogo entre escritores pertencentes a diferentes culturas. Marrocos e Argentina se interagem pela apropriação da moeda literária lançada no comércio global: ou para aquilatá-la como objeto de valor real e simbólico, ou para trocá-la pela prática do gesto ancestral dos nômades contadores de histórias. Borges torna-se personagem de Ben Jelloun, ao se ver encarnado no trovador cego saído de um bairro de Buenos Aires e enxertado numa medina árabe, para narrar histórias que repetem, em abismo, a trama que envolve as personagens do romance. Marrakech e Buenos Aires se encontram pela voz do rapsodo da praça pública, assim como o escritor cego e sua poética plagiária são condensados na mesma figura do rapsodo:

Quand je lis un livre, je m'installe dedans. C'est mon défaut. Je vous ai dit tout à l'heure que j'étais un falsificateur, je suis le biographe de l'erreur et du mensonge. Je ne sais pas quelles mains m'ont poussé jusqu'à vous. Je crois que ce sont celles de votre conteur qui doit être un contrabandier, un trafiquant de mots.<sup>8</sup>

Pelas mãos do contador contrabandista, a literatura argentina sob a imagem de Borges é enxertada na literatura marroquina, pela mediação das *Mil e uma noites árabes*, texto de referência da poética narrativa borgiana e fonte quase natural do livro de Ben Jelloun. A falsificação de histórias coloca o comércio literário nas mãos de trovadores da praça pública, para quem a questão da identidade pessoal do protagonista – nascido mulher e sendo obrigado a se comportar como homem – é o enigma da trama. Essa questão de ordem pessoal se desdobra na troca intersubjetiva dos narradores e da moeda que será passada adiante, no espaço aberto e heterogêneo da cidade. Não há nenhuma dívida a ser paga ao escritor argentino, visto ser ele próprio inspirador do tráfico de palavras e de culturas. Os ecos no deserto árabe da literatura que não mais pertence a um só território convidam o leitor a refletir sobre o domínio inesgotável da ficção que não conhece fronteiras. Se antes a literatura latino-americana, e em especial Borges, teve que se construir através do cruzamento da cultura europeia com a nativa, será que neste princípio de século, repito, seria possível pensar na inversão desses lugares? A resposta é menos utópica e se pauta pela força que literaturas de países periféricos podem representar na bolsa de valores global, mesmo que seja através de manifestações que se situam fora do contexto literário. A predominância da poética do mais pobre, da poética do menos, tem conseguido driblar a ostentação e a epicidade da indústria cultural dos defensores da poética calcada no acúmulo e na riqueza.

---

<sup>8</sup> JELLOUN. *L'enfant de sable*, p. 173.

Ficaremos, portanto, à mercê do valor imposto pelas transações fiduciárias, as quais revertem em lucro os resíduos culturais deixados pelas narrativas das margens, das intrigas familiares e das complexas redefinições de identidades nacionais? O endosso da lentidão e do ócio como reação à poética do acúmulo e da rapidez não se imporá, ao lado da expressão da oralidade em praça pública, entre as inúmeras saídas para o impasse entre a visão globalizante e a releitura das demais manifestações artísticas fora de eixos culturais hegemônicos? Buenos Aires, Marrakech, seriam esses velhos/novos espaços os inventores de fábulas que retomam tradições, intercambiam vozes, negociam parcerias e superam os limites territoriais de cada região?

No ensaio de Josefina Ludmer, “Como salir de Borges”, de 2000, a posição ocupada pelo escritor no mapa literário do século XX é assim por ela interpretada:

Podemos ler Borges a partir da nação e a partir do exterior (numa posição interna/externa em relação à Argentina), porque para nós, os argentinos, ele encarna hoje o símbolo da exportação literária do século XX: é o escritor que se globalizou. (...) Se estivesse nos Estados Unidos ou na Inglaterra, poderia me perguntar: de que tipo de produto literário latino-americano se trata? Quais são as condições literárias e também culturais, históricas e sociais para que um escritor latino-americano como Borges possa participar da literatura universal, ou de um cânone ocidental que abraça todo um século?<sup>9</sup>

Uma das possíveis respostas a essa questão reside, segundo Ludmer, na tentativa de desagregar as unidades da autonomia textual, a estrutura do cânone, deslocando a tradição literária e cultural na sua íntegra e assumindo a instabilidade do texto e a volatilização da autoridade do autor. Na perspectiva da ensaísta, a leitura de Borges poderá se situar entre a nação e além dela, entre a ilusão da cultura letrada que sua literatura oferece e a cultura do presente, situada entre a autonomia e a perda da autonomia, entre passado e presente, entre seu nome e sua dispersão em tradições:

Porque para mim, sair de Borges, retirar de Borges seu nome e sua autoridade não significa não nomeá-lo, mas desagregar a unidade orgânica de sua obra, retirar-lhe seu caráter imutável e monumental.

E conclui:

Gostaria de ler Borges enquanto tradição, e ler o presente com a tradição Borges, que será, aliás, a da apropriação crítica (aquela de uma contra-Escrita) de suas próprias tradições literárias e culturais.<sup>10</sup>

Nas lições de Borges para a literatura do presente – contaminada pela metaficção, pelo convívio estreito entre documento e ficção, teoria e ficção, verdades e mentiras, bartlebys e companhias – o que se propõe é a prática da irreverência diante de sua obra, da mesma forma que ele assim entendia a leitura da tradição. O mimetismo e a subserviência aos modelos não constroem boa literatura, pois a leitura dos clássicos e das tradições exige rupturas e clama por um diálogo impertinente com os precursores. A

---

<sup>9</sup> LUDMER. *Comment sortir de Borges?* (tradução da autora)

<sup>10</sup> LUDMER. *Comment sortir de Borges?*, p. 10. (tradução da autora)

desconfiança demonstrada pelo narrador pelos espelhos e as cópulas, no conto “Tlon, Uqbar, Orbis Tertius”, atua como reforço ao horror de Borges pela repetição, a reprodução e a paternidade. Destituir a função paterna de sua obra, herança nefasta da memória que paralisa no lugar de revitalizar, constituiria, de um ponto de vista positivo, uma das múltiplas entradas no imaginário borgiano, resguardando-se os limites e abrindo-se para o diálogo. A herança negativa se configuraria no espectro do escritor atuando na composição das novas gerações e de uma literatura que apenas se alimenta do artifício criativo como sinal de erudição e conversa entre escritores/críticos. Nada impede que o amor pela literatura e sua atração atávica sirvam de tema para grandes ou menores romances, ou que os acidentes comuns do cotidiano se metaforizem em cenas da mais fina literatura. Ou que se questione, nas obras representativas dessa herança negativa, é a prisão a fórmulas estéticas e a consequente exaustão dos procedimentos.

A crítica acadêmica – entre a retomada de princípios de crítica textual e autônoma, fiel à consagração canônica e ao beletismo, e a abertura para fluxos e redes comunicativos, que vão além da cultura letrada e do universo sagrado da literatura – se apresenta, no momento, como herdeira da memória de Borges. Por um lado, assumindo atitude conservadora, própria de momentos considerados de crise, nos quais são refutados critérios de valor deste ou daquele discurso; por outro, a herança borgiana ressoa no ensaio crítico pautado pela atenção dedicada à construção de um discurso situado entre a teoria e a ficção, e pelo exercício de saberes menores, avessos ao apelo à totalidade. O ensaio literário praticado por grande parte da produção brasileira acadêmica retoma a posição do escritor/crítico borgiano, ao se desvencilhar da dicção hermética e fechada dos tratados e se valer de critérios que se aproximam da crítica de natureza imagética e “religiosa” de Borges. Os conceitos tradicionais da crítica são transformados em imagens, ao atuarem como operadores de leitura: aleph, biblioteca de babel, Funes, o mapa do império, e assim por diante. Do ponto de vista religioso, expressões como “superstição”, “sacrilégio”, “destino”, “ateísmo”, “sacerdócio” envolvem o vocabulário crítico borgiano e com diferenças apenas no modo de expressão, ganham terreno, ressoam no discurso crítico contemporâneo. A literatura como destino, as imagens de escritores, a preferência por lugares simbólicos por onde passaram os escritores, como Oscar Wilde no hotel em Paris, “L’Hôtel”, são algumas das heranças de leitura legadas por Borges. Vila-Matas, como foi aqui demonstrado, seguiu os passos do escritor argentino e construiu uma poética que leva ao extremo essas obsessões.

Nos anos de 1970, a ensaística brasileira recebeu do escritor/crítico brasileiro Silviano Santiago uma reflexão sobre o lugar do discurso latino-americano, de onde surgiu o conceito de *entre-lugar*.<sup>11</sup> Tributário da teoria da desconstrução de Jacques Derrida, o conceito consiste no “lugar de observação, de análise, de interpretação que não é nem cá nem lá, é um determinado ‘entre’ que tem que ser inventado pelo leitor”.<sup>12</sup> Mas a definição do conceito de *entre-lugar* se alimenta ainda da lição de Borges, legítimo representante de um escritor das margens. Ao adotar esse espaço intermediário de

---

<sup>11</sup> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano.

<sup>12</sup> SANTIAGO. Literatura é paradoxo.

reflexão, Silviano descarta “o lugar-comum dos nacionalismos brabos” e o “lugar-fetichismo do aristocrata saber europeu”. Desconsidera ainda o rancor próprio da teoria marxista da dependência, por meio da qual se evidencia o descompasso temporal e a consciência trágica do atraso dos países periféricos em relação à cultura metropolitana.

Com a definição de Silviano Santiago do conceito de *entre-lugar*, finalizo minhas palavras dedicadas a este encontro com Borges:

Borges me deu a coragem do pensamento paradoxal quando estava preparado (ou estavam me preparando) para os caminhos da racionalidade francesa numa terra onde os lugares-comuns nos impelem para o irracional. Nunca fui vítima da lucidez racional da Europa como um novo Joaquim Nabuco, nem me deixei seduzir pelo espocar dos fogos de artifício ou pelas cores do carnaval nos trópicos. Fiquei com os dois e com a condição de viver e pensar os dois. Paradoxalmente. Nem o lugar-comum dos nacionalismos brabos, nem o lugar-fetichismo do aristocrata saber europeu. Lugar-comum e lugar-fetichismo imaginei o *entre-lugar* e a solidariedade latino-americana. Inventei o *entre-lugar* do discurso latino-americano que já tinha sido inaugurado pelos nossos melhores escritores.<sup>13</sup>



#### ABSTRACT

This essay aims to discuss Borges's literary heritage left to new writers. Would this heritage be ominous or otherwise? Without making any value judgments about this discussion, it also intends to point out one of the aspects of Borges's Poetics responsible for his world-wide renown, which is his literary autonomy. The presence/absence of the writer/author's image becomes a literary theme, a plot that entangles/disentangles itself, as a mirror that reduplicates literary life and literature.

#### KEYWORDS

J.L. Borges; Villa-Matas, contemporary literature, memory

---

<sup>13</sup> SANTIAGO. Borges, p. 434.



## REFERÊNCIAS

- BORGES, J. L. Une lo útil a lo agradable. In: HELFT, Nicolás; PAULS, Alan. *El factor Borges*. Nueve ensaios ilustrados. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2000. p. 143.
- HELFT, Nicolás; PAULS, Alan. *El factor Borges*. Nueve ensaios ilustrados. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2000.
- JELLOUN, Tahar Ben. *L'enfant de sable*. Paris: Seuil, 1985.
- LUDMER, Josefina. *Comment sortir de Borges?* Disponível em: <<http://www.vox-poetica.com/t/ludmer.html>>. Acesso em: 14 jul. 2010.
- SANTIAGO, Silviano. Borges. In: SCHWARTZ, Jorge (Coord.). *Borges no Brasil*. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial/Fapesp, 2001. p. 434.
- SANTIAGO, Silviano. Literatura é paradoxo. Entrevista concedida a Carlos Eduardo Ortolan Miranda. Disponível em: <<http://Pphp;uol.com.br/tropico/HTML/textos/2375>>. Acesso em: 1 nov. 2010.
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: \_\_\_\_\_. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 11-28.
- VILA-MATAS, Enrique. *Doutor Pasavento*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.